

**ENTRE O TEXTO E O LIVRO: UMA PROPOSTA DE LEITURA DE *E O DENTE AINDA DOÍA*, DE ANA TERRA**Estela Natalina Mantovani Bertoletti<sup>1</sup>Neusa Helena Mantovani Baldissera<sup>2</sup>**Resumo**

Neste texto, apresenta-se uma proposta de leitura do livro *E o dente ainda doía*, de Ana Terra, a partir de reflexões fundamentadas na teoria histórico-cultural, especialmente relativas a práticas de leitura, texto literário e livros. Nesse sentido, a proposta se pauta na ideia de que a leitura é uma produção histórica e social que auxilia no desenvolvimento das funções psicológicas superiores; o texto literário é obra de linguagem que demanda e propicia um trabalho específico de leitura; e, o livro é um objeto cultural situado em seu tempo histórico, sendo que a leitura de um texto está forçosamente relacionada às características específicas do gênero e do suporte no qual está organizado. Também, que o leitor é sujeito ativo no ato da leitura e que o professor medeia a leitura do texto/livro como sujeito autorizado para esta mediação.

**Palavras-chave:** práticas de leitura, texto literário, livro.

**BETWEEN THE TEXT AND THE BOOK: A READING PROPOSAL OF *E O DENTE AINDA DOÍA*, BY ANA TERRA****Abstract**

This paper presents a proposal reading for Ana Terra's *E o dente ainda doía* is guided by historical-cultural theory. Situating reading as a historically and socially constructed phenomenon, this approach emphasizes its pivotal role in fostering higher-order psychological functions. Literary texts are regarded as linguistically crafted entities demanding and enabling

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1990); Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1997); Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2006); pós-doutorado em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2011); pós-doutorado em Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2014). Email: [estela@uems.br](mailto:estela@uems.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4692-392X>

<sup>2</sup> graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1983) e Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2015). Atualmente é professora de Língua Portuguesa do Sesc/MS, ministra cursos de formação docente, cursos preparatórios para concursos e é revisora textual. Email: [neusahm@hotmail.com](mailto:neusahm@hotmail.com)



specific reading practices, while books are recognized as culturally situated artifacts embedded within their historical context, shaped by genre and medium-specific characteristics. Additionally, this framework acknowledges the reader's agency in the reading process and the teacher's mediating role in facilitating text/book engagement. By examining the interplay between reader, text, and context, this approach demonstrates the reading experience as a dynamic, interactive process.

**Key words:** reading practices, literary text, book.

## Introdução

É por meio da linguagem que ocorrem os processos de interação entre as pessoas; o desenvolvimento humano ocorre por intermédio dos construtos sociais existentes na sociedade, da qual todos fazem parte e agem por meio da linguagem. Esta é adquirida, relacionada e desenvolvida por meio de diferentes atividades sociais, as quais refletem as ações do ser humano, ora reguladas e mediadas por meio das interações verbais, ora expressando a construção do conhecimento.

Assim, todo o processo de conhecimento construído pelo ser humano passa pela linguagem, sejam esses processos paralelos, sejam processos que se entrecruzem e se influenciem. (Vygotsky<sup>1</sup>, n.d, n.p.).

[...] a relação entre o pensamento e a palavra não é uma coisa mas um processo, um movimento contínuo de vaivém entre a palavra e o pensamento; nesse processo a relação entre o pensamento e a palavra sofre alterações que, também elas, podem ser consideradas como um desenvolvimento no sentido funcional. As palavras não se limitam a exprimir o pensamento: é por elas que este acede à existência. Todos os pensamentos tendem a relacionar determinada coisa com outra, todos os pensamentos tendem a estabelecer uma relação entre coisas, todos os pensamentos se movem, amadurecem, se desenvolvem, preenchem uma função, resolvem um problema. Esta corrente do pensamento flui como um movimento interno através de uma série de planos. Qualquer análise da interação entre o pensamento e a palavra terá de principiar por investigar os diferentes planos e fases que um pensamento percorre antes de se encarnar nas palavras.

Em acréscimo, o ser humano se constitui pela (e na) linguagem, cuja origem é social e histórica (e não natural). Ela medeia, constitui e é produto das relações

interlocutivas. Logo, o ser humano é visto como um ser social, histórico e cultural que se vale da linguagem para se constituir e desenvolver.

Dada a natureza histórica e social da linguagem, tal desenvolvimento se faz por meio da interação com o outro, sendo que nesse movimento interativo, os sujeitos são modificados e modificam o meio em que vivem. A construção subjetiva humana ocorre, pois, em um processo dialético, por meio das relações sociais, mediado pela linguagem, nas quais o sujeito é ativo no processo.

É certo que a linguagem é condição para o desenvolvimento humano e sua constituição como pessoa que age linguisticamente. E como se realiza a linguagem? Ela se materializa nos textos que são pré-construídos ao longo da história, sociedade e cultura.

Implica considerar, portanto, que só ocorrerá aprendizagem em situações de interação social, pois a atividade humana é mediada pelos sistemas cognitivo e social, nos quais a linguagem se apresenta.

Ao trazer essas ideias para o caso escolar, é possível depreender que as relações educativas entre professor e aluno (aluno e professor; ou aluno e aluno) se dão entre aquele com mais experiência, que ensina aos que não a dominam e, por isso, uns aprendem com os outros: “A transmissão da cultura acontece na inter-relação entre os homens sociais, que por meio da comunicação ensinam aos outros a realização de uma atividade adequada em relação aos objetos e fenômenos.” (Sanches, 2023, p. 35). Nesse sentido, aprendizagem e desenvolvimento acontecem mutuamente nas relações de ensino, pois para Vygotsky (n.d.), aprender é se desenvolver, ou seja, com a interação, o sujeito se desenvolve em diferentes aspectos. É importante destacar, entretanto, que não se trata da relação do sujeito que aprende tão somente com o objeto de conhecimento, mas sim, daquele com outros sujeitos:

Somente no convívio com outros sujeitos que a criança terá condições e oportunidades de aprender a cultura, formando capacidades físicas, psíquicas e sociais que lhe permitirão participar plenamente da sociedade. Portanto, o adulto torna-se responsável por educar, isto é, apresentar e ensinar à criança os modos de ação com os objetos, a linguagem, e a conduta humana até que ela domine esses conhecimentos tornando-os internos, subjetivos. Nesse sentido, é preciso que haja a mediação entre as objetivações humanas e a criança. (Sanches, 2023, p. 37)

Em contexto formal de aprendizagem, a linguagem e as atividades a ela relacionadas, na perspectiva das interações, são entrecortadas por professor(es) e aluno(s), todos envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem da linguagem. A escola é, dessa forma, o lugar de relações entre crianças e crianças; entre crianças e adultos; entre crianças com todo o meio; entre crianças e objetos da cultura, como os livros, por exemplo. E o papel do professor, é o de mediador intencional de todas essas relações.

Em virtude dessas colocações, neste texto, trazemos uma proposta de leitura de um livro literário: *E o dente ainda doía*, de Ana Terra (2012). Acreditamos que se trata de um livro com uma história instigante que dá sentido saudável à vida emocional da criança, como reivindica Vigotski (2003), que pode (e deve) fazer parte da educação escolar de crianças, sobretudo das que estão na etapa da Educação Infantil.

Nessa proposta, a ideia é subsidiar o trabalho do professor em vivências estéticas, por meio da leitura do texto literário, que, de fato, signifiquem acesso a um bem cultural humano, pertencente às obras de arte, como atividade construtiva complexa (Vigotski, 2003). Para tanto, iniciamos com reflexões sobre leitura, texto literário e livros, conceitos subsumidos nas práticas de leitura, assim como de leitor e de professor-leitor e, depois, passamos a uma explicação sobre a proposta de leitura.

## 1. Reflexões sobre leitura, texto literário e livros

Ler é uma atividade linguística (de, com e sobre a linguagem) que auxilia no desenvolvimento das funções psicológicas superiores (do pensamento abstrato), no processo de constituição de sujeitos (Magnani, 1994). Em sentido amplo, por meio da leitura se conhecem e se desenvolvem os saberes sobre si e sobre o outro, seja na leitura de mundo, seja na leitura da palavra, seja na leitura de outras linguagens.

No ato da leitura da palavra, em sentido estrito, leitor e autor dialogam por meio do texto, ou seja, o texto é o ponto de partida e de chegada da leitura, portanto é o limite do leitor. Por outro lado, aquele só existe se o leitor fazê-lo “funcionar”, uma vez que não vem “pronto”, com sentido completo. Isto significa que o texto permite várias

leituras, mas não significa que se possa fazer qualquer leitura de um texto, uma vez que este concretiza um conjunto de relações que o definem como unidade de sentido.

Com relação ao texto literário,

Enquanto obra de linguagem eminentemente qualitativa, que exalta a diferença e a interação do que é diverso, e dado seu caráter de gratuidade e permanência no tempo, o texto literário demanda e propicia um trabalho específico de leitura, ao mesmo tempo como fruição estética, que não se deixa controlar, instrumentalizar, etapizar ou seriar, e como busca de conhecimento que não se restringe à organização, classificação e computação de dados e informações, mas que se apresenta como multiplicidade, contrapondo-se ao consumo e destruição dos objetos culturais e instaurando outras relações dos sujeitos entre si e com seu passado, presente e futuro, com a cultura e a língua, com o mundo público e o privado. (Magnani, 1994, p. 12).

Logo, ler um texto literário exige do leitor um trabalho psíquico

[...] difícil e árduo. Evidentemente, a obra de arte não é percebida com uma total passividade do organismo, nem apenas com os ouvidos ou os olhos, mas mediante uma muito complexa atividade interna em que a visão e a audição são apenas o primeiro passo, o impulso básico. (Vigotski, 2003, p. 229)

Para Vigotski (2003), trata-se da vivência estética que pressupõe três componentes: excitação, elaboração (processamento) e resposta. Um trabalho de leitura do texto literário, portanto, visa à educação estética, o que significa fugir de um sentido estreito e limitado da obra literária, assim como fugir do sentido pedagógico/moralizante que se pode, ou muitas vezes se tenta, atribuir ao texto.

Aliás, a importância do texto literário reside exatamente no sentido de suprir uma necessidade existencial de fantasia do ser humano, já que ela consegue atuar em zonas profundas, ao propiciar a superação de conflitos internos e mobilizar a imaginação para a superação de problemas de outras ordens. (Candido, 2012).

Nas palavras de Magnani (1994, p. 104):

O texto literário propõe uma ação na esfera imaginativa, criando uma nova relação entre situações reais e situações de pensamento, ampliando, assim, o campo de significados e auxiliando na formação dos planos da vida real. Lida com necessidades de imaginação e fantasia, onde se criam e se seguem regras voluntárias para satisfação do desejo; é um meio de se atingir prazer máximo, fornecendo estruturas básicas para a mudança de necessidades e consciência que propiciem avanços nos níveis de desenvolvimento.

O livro literário, assim como qualquer livro impresso ou digital, ou qualquer outro suporte no qual são publicados os textos, inclusive os literários, é um objeto cultural e como tal possibilita o acesso à cultura e ao conhecimento elaborado socialmente. Nesse sentido, como artefato, o texto literário pressupõe uma leitura que considere o conjunto de relações que estabelece com o dispositivo livro.

Para Chartier (1990), não existe texto fora do suporte que se dá a ler, ou seja, a leitura de um texto está forçosamente relacionada às características específicas do gênero (literário, no caso) e do suporte no qual está organizado. Tais aspectos precisam ser considerados no trabalho de leitura na escola, pois não se trata de ler o conteúdo somente, ou a camada mais aparente do texto, mas sim todos os aspectos constitutivos do texto, incluindo a materialidade do livro. Desse modo, o professor precisa também ser leitor, pois somente assim conseguirá desenvolver um trabalho no qual ele é o sujeito autorizado para ampliar as possíveis e diversas mediações.

A partir dessas reflexões, no próximo tópico, apresentamos o livro *E o dente ainda dóia* em sua materialidade e em seu texto, enfatizando as opções constitutivas da autora e do projeto gráfico-editorial que permitem uma leitura estética da obra. Quanto à proposta de leitura, dividimos em três momentos: antes, durante e depois da leitura.

## **2. Uma prática de leitura possível a partir da teoria da psicologia histórico-cultural**

### **2.1 O texto e o livro**

O exemplar do livro *E o dente ainda dóia*, analisado neste artigo, foi escrito e ilustrado por Ana Terra<sup>ii</sup>, e publicado em 2012 pela Editora Difusão Cultural do Livro (DCL), de São Paulo. Trata-se de uma edição especial, cuja comercialização é proibida, uma vez que ele faz parte da coleção *Leia para uma criança*, da Fundação Itaú Social<sup>iii</sup>. O livro recebeu o prêmio *30 Melhores Livros do Ano de 2013* pela revista *Crescer*, podendo também ser encontrado em formato digital (nas versões inglês, português e espanhol) pelo [iTunes](#)<sup>iv</sup>.

A capa, impressa em cartão triplex 250g, traz o nome da autora no alto e à direita, o título do livro centralizado e o selo da coleção à direita do título. A figura de um jacaré com o corpo torcido em formato de c, com aspecto tranquilo, ocupa o lado esquerdo do livro. Na quarta capa, sobre um fundo de cor marsala, a trama é anunciada com a apresentação do personagem principal e seu problema – que dá título ao livro –, além da provocação/convite ao leitor: “Descubra como essa história vai acabar [...]”.

O miolo, impresso em papel *couché* 150g, ocupa 32 páginas, sendo que a história é distribuída em 24 páginas, das quais 12 são de ilustrações de página inteira e 12 são de texto verbal. As demais páginas trazem a folha de rosto, a ficha catalográfica, uma dedicatória, um texto sobre a autora e informações sobre a composição do livro.

A história é escrita em caixa alta, em fonte Folks-light, e todas as ilustrações são resultado de um trabalho de recorte e colagem de papel. A escritora e ilustradora Ana Terra conta que fez as ilustrações em dois meses, utilizando folhas de papel, tesoura, lápis de cor, cola, fita adesiva e tinta. (Terra, 2012). O resultado foi uma ilustração colorida, criativa, bastante diferente e divertida, a partir de recortes e colagens de imagens, letras e números, da capa à quarta capa, passando pelos cabeções e numeração das páginas.

A narrativa inicia com um jacaré reclamando de dor de dente. Vários animais, em ordem crescente (da quantidade) vieram ajudar. Cada qual oferecia algo para curar a dor do jacaré: dois coelhos ofereceram uma cenoura para ele roer; três corujas, um graveto para cutucar o dente; quatro tatus, um pedregulho; cinco patinhos ofereceram um carinho; seis ratinhos, um pedaço de sabão; sete toupeiras, uma raiz forte; oito sapos sugeriram uma mosca lambida; nove esquilos, um punhado de nozes; dez passarinhos sugeriram que ele colocasse no focinho uma pena. A cada oferta, o resultado em forma de texto acumulativo, repete: “Mas nada resolvia. E o dente ainda doía.”. Por fim, uma pena faz o jacaré espirrar e com isso o dente cai e a dor passa. Recuperado, o jacaré diz que vai matar a fome com um lanchinho e a bicharada “dá no pé”.

## 2.2 Algumas considerações

*E o dente ainda doía* leva ao contato com os números, em ordem crescente, e com diferentes espécies de animais e suas sugestões para resolver o problema do jacaré. Entretanto, esta não é a chave de leitura do texto. À primeira vista, o professor pode ficar tentado a explorar esses conhecimentos, de modo a ensinar à criança conteúdos escolares (numerais, ordem crescente) ou morais (a importância de ajudar o outro, por exemplo). Vigotski (2003) faz uma crítica às aulas de literatura nas quais a poesia está ausente, uma vez que nelas a obra de arte é abordada como desprovida de valor independente, para ser ilustração de moral. Para o autor, esse trato da obra literária não cria nem educa atitudes e hábitos estéticos, não comunica a flexibilidade, a sutileza, nem a diversidade das formas às vivências estéticas.

Segundo o mesmo autor, ao contrário, a educação estética tem um fim em si mesma, já que a obra de arte exige um trabalho psíquico difícil e árduo, como atividade construtiva complexa que é, por isso consideramos que o texto não pode ser reduzido a lições sobre numerais, tampouco de moral.

Nesse viés, entendemos que se pode explorar na leitura literária a narrativa sequencial e ritmada, própria para ser repetida de forma melodiosa, e o final surpreendente, uma vez que o livro serve para o deleite dos alunos, com grandes possibilidades para desenvolver uma educação estética, nos termos de Vigotski (2003).

É possível compreender que o texto do livro estimula a reflexão sobre costumes e pensamentos dos outros, de uma maneira divertida, e muito bem-humorada. A vivência estética da obra passa por um momento de **excitação**, quando o jacaré, com dor, sofre e reclama: “\_\_ AI, UI, UI, AI. SERÁ QUE VOU AGUENTAR?” (Terra, 2012, p. 7). Os animais personificados propõem soluções fantásticas para o problema, expressando sentimentos reais, assim, a história se aproxima de um jogo, no qual as tentativas de ajuda vão sendo frustradas e acumuladas. A graça na repetição e não solução vai aumentando a surpresa e o suspense a cada página. Um conflito é instaurado: afinal, a dor de dente do jacaré vai passar? O título aponta para uma perspectiva negativa: “E o dente ainda doía”. E mesmo com o aumento gradativo dos animais, o problema não se soluciona. Enfim, quando “funciona” e o jacaré fica

“bonzinho”, ele quer fazer um “lanchinho”. “E A BICHARADA TODA DEU NO PÉ. NINGUÉM QUIS FICAR PARA SER ALMOÇO DE JACARÉ!” (Terra, 2012, p. 28)

O aumento gradativo dos animais não é, portanto, um recurso para ensino de numerais e ordem crescente, mas sim para atribuir um suspense e instaurar uma dúvida, provocar certa **elaboração** no leitor que fica entre a resolução ou não da questão posta. A atitude dos animais que tentam ajudar e a do jacaré (aparentemente ingrato) compõe uma **resposta** ambígua e imaginativa ao desfecho que leva à fruição: um prazer que, mesmo avesso a nossas convicções e tendências, anima nossa sensibilidade, compreensão e imaginação em nível simbólico-fictício (Rosenfeld, 1976), porque a criança sabe que é uma história. (Vigotski, 2003).

## 2.3 Por uma vivência estética

A proposta de leitura do livro analisado, neste texto, é pautada na especificidade da leitura literária realizada a partir da perspectiva da teoria histórico-cultural que aguça os sentidos das crianças e desperta a sua imaginação, uma vez que ela parte do suporte impresso e extrapola para as criações imagéticas, quer no mundo de faz-de-conta, quer na vida real.

A proposta é dividida em três partes: antes, durante e depois da leitura mediada pelo professor.

### 2.3.1 Antes da leitura

O professor pode organizar as crianças em roda, ler o título do livro e apresentar a capa. Precisa permitir que as crianças façam inferências associando o título à ilustração, a partir das indagações do professor: “Vocês já conhecem este livro? A história deve tratar do quê?”

É importante que o professor permita que as crianças falem sobre suas hipóteses, ao mesmo tempo em que problematiza as respostas das crianças em relação à ilustração da capa: “o jacaré parece que está com dor ou não?”

Para ajudar, o professor pode ler o texto da quarta capa: “Jacaré gosta de tomar banho de sol, folgado e largado. Mas este não conseguia descansar com uma tremenda dor de dente que lhe deu...”



Na sequência, convidá-las a ouvir a história e conferir todas as ideias que tiveram.

A partir dos elementos paratextuais destacados (capa e quarta capa) e dos elementos não verbais (cores e ilustrações), a criança é incentivada a adentrar nos aspectos constitutivos do livro impresso e a compreender aspectos intrínsecos e extrínsecos do livro e da leitura deste tipo de material, tais como a transição entre realidade e fantasia; o movimento dos olhos e do corpo no ato de ler; as funções que a leitura do escrito supre; a existência de duas modalidades da linguagem, a verbal (que ela pode ainda não dominar) e a não verbal. Esses aspectos já iniciam um envolvimento das crianças com o livro.

### 2.3.2 Durante a leitura

É importante que o professor leia a história com entonação e mostrando as ilustrações. A cada entrada dos personagens que se propõem a ajudar o jacaré com sua dor de dente, há uma repetição acumulativa, própria do gênero lengalenga – como já informado -, que pode e deve ser aproveitada com a ajuda das crianças. Assim, o trecho que se repete e se acumula precisa ser “lido” em coro juntamente às crianças, até o último:

MAS NADA RESOLVIA. O JACARÉ ROÍ A CENOURA, CUTUCAVA COM O GRAVETO, MORDIA O PEDREGULHO, RECEBIA CARINHO, COBRIA O DENTE COM SABÃO, MASTIGAVA RAIZ-FORTE, LAMBIA A MOSCA, COLOCAVA NOZES NA BOCA, BOTAVA A PENA BEM NA FRENTE DO NARIZ... E O DENTE AINDA DOÍA! (Terra, 2012, p. 25)

Além disso, expressões com as mãos e o rosto podem ser incentivadas no decorrer da leitura, como roer, cutucar, morder, receber carinho, cobrir o dente, mastigar, lamber, colocar na boca, botar a pena...

A participação efetiva das crianças, como leitores ativos ao longo da leitura compartilhada com o professor – o adulto que domina a leitura da palavra -, seja na repetição em coro do texto, seja nos gestos e expressões, permite não somente o deleite delas, como também o desenvolvimento de características próprias do tipo de texto lido, o texto literário.



O final surpreendente também precisa ser bastante explorado pelo professor com uma leitura pausada que aumente o suspense: “DE REPENTE (pausa), SEM DAR TEMPO DE MAIS ALGUÉM CHEGAR (pausa), O JACARÉ BUFOU E COMEÇOU A OFEGAR:

(Com ênfase) \_\_AAAA...AAAAAAA.. ATCHIM!”

Explorar a ilustração da página final, na qual aparece tudo o que foi oferecido ao jacaré pelos outros animais sendo levado com o espirro e, dentre eles, o dente.

Ler:

\_\_ FUNCIONOU, A PENA ME DEIXOU BONZINHO! JÁ POSSO ATÉ MATAR A FOME FAZENDO UM LANCHINHO...  
E A BICHARADA TODA DEU NO PÉ.  
NINGUÉM QUIS FICAR PARA SER ALMOÇO DE JACARÉ. (Terra, 2012, p. 28)

Depois, destacar as expressões do jacaré na primeira (p. 6) e na última ilustração (p. 29) e permitir que as crianças elaborem hipóteses quanto às mudanças expressivas do jacaré.

### 2.3.3 Depois da leitura

Ao término da leitura, o professor pode fazer uma roda de conversa. Nela, permitir que as crianças peguem o livro e troquem ideias e sensações sobre a história. Enquanto manuseiam o livro literário, o professor pode retomar oralmente aspectos do texto, questionando:

- “- Qual era o problema do jacaré?
- Quais foram os animais que tentaram ajudar o jacaré?
- De que forma os animais tentaram ajudar?
- Qual animal conseguiu realmente ajudar o jacaré? Como foi?
- “A pena me deixou bonzinho”. Qual o sentido de “bonzinho”?”

Estas questões estão no nível da compreensão que se situa nos limites da relação do leitor com o texto. A compreensão é o primeiro nível da leitura, pois são



retomados os elementos da narrativa: enredo, personagens, tempo, espaço, narrador, linguagem para uma efetiva compreensão do texto narrado.

Depois, recolher o livro e permitir que as crianças dialoguem em grupos sobre os seguintes aspectos:

“- Você considera que foram adequadas as tentativas dos animais em ajudar o jacaré? Por quê?

- Como você faria para ajudar o jacaré?

- Você gostou da história? Por quê?”

As crianças podem expor oralmente sobre o que conversaram e a que conclusões chegaram. Estas questões estão no nível da interpretação que extrapola o texto narrado e adentra nos efeitos de sentidos do texto nos leitores. Busca discutir os principais sentidos da história para cada uma e os significados deles para o mundo em que vivem.

Como a ilustração do livro é feita com uma técnica bastante diferente: a de recortar e colar, o professor pode distribuir folhas em branco, revistas ilustradas e folhas coloridas, para que as crianças recortem e colemb – como a ilustradora - o que mais gostaram da história compartilhada. Os trabalhos podem ser expostos e comentados pelos próprios autores, ou um comentar o trabalho do outro.

Ao final, se considerar adequado, o professor pode combinar com as crianças de dramatizar a história.

## **Considerações finais**

Ao centrar-se nas contribuições da teoria histórico-cultural, este trabalho focaliza a linguagem como centralizadora do desenvolvimento humano, considerando a necessidade de a escola, como instituição social, desde os primeiros anos escolares, responsabilizar-se pela condução de atividades relacionadas à ampliação da linguagem de seus alunos.

Segundo os pressupostos de Vygotsky (n.d.), para o desenvolvimento humano, devemos estar envolvidos em processos sociais – que são históricos – e que estão em constante mudança. A partir desse pensamento, este trabalho apresenta uma proposta de ação para ser didatizada com alunos da Educação Infantil, considerando

a abordagem (tanto teórica quanto metodológica) da teoria histórico-cultural. Trata-se da leitura literária do livro *E o dente ainda doía*, de Ana Terra, considerando a viabilidade de desenvolver a leitura, com enfoque nas questões estéticas que levam o leitor a participar do texto, comunicando-se com ele e ativando a sua imaginação, tendo como mediador, o professor.

Isso porque a relação do homem com o mundo é sempre mediada pelo instrumento da linguagem, que é o maior sistema de mediação social do humano, tendo em conta que o desenvolvimento parte sempre do social para o individual, sendo a aprendizagem uma construção resultante da interação sujeito e objeto, mediada pela linguagem.

Vimos que para Vygostky (n.d.), a linguagem está no centro dos processos superiores do homem e esses processos são mediados justamente pela própria linguagem – um sistema simbólico básico. Portanto, para a exploração das atividades, parte-se da consideração do texto literário, primeiro como objeto pertencente à prática social, que envolve a linguagem e, depois, como instrumento de linguagem que constrói o conhecimento, no entanto, não com função prática, mas sim valorizando a sua função artística e estética.

## Referências

CANDIDO, Antonio. CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Remate de Males*, Campinas, 2012. Disponível em:

[https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/86\\_35992](https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/86_35992). Acesso mar. 2020.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa. Difel, 1990

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. Leitura e formação do gosto (uma pedagogia do desafio do desejo). *Série Idéias*, n.13, p. 101-106, 1994.

ROSENFELD, Anatol. *Estrutura e problemas da obra literária*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SANCHES, Gislaine Gomes Granado. *A Leitura Literária na Pré-Escola: contribuição docente para a formação do pequeno leitor*. 2023. 202f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

TERRA, Ana. *E o dente ainda doía*. São Paulo: Editora DCL, 2012.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. A Educação Estética. In.: VIGOTSKI, Liev Semionovich. *Psicologia Pedagógica*. Edição comentada. Trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 225-248.

VYGOTSKY, Liev Semionovich. Pensamento e linguagem. Edição eletrônica, n.d. Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7630412/mod\\_resource/content/1/pensamentolinguagem.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7630412/mod_resource/content/1/pensamentolinguagem.pdf). Acesso nov. 2024

Recebido em outubro de 2024

Aprovado em fevereiro de 2025

---

<sup>i</sup> Neste texto, optamos por manter a grafia do nome do autor, conforme aparece no texto que foi consultado, por isso ora Vigotski ora Vygotsky.

<sup>ii</sup> Ana Terra mora no Rio Grande do Sul e, além deste livro, teve publicados: *Pra saber voar*, pela Editora Abacatte; *O P do Pato*, pela Editora Moderna; e, *Por um fio*, pela Editora Scipione e suas ilustrações participaram de exposições dentro e fora do Brasil, como, por exemplo, a *Biennial of Illustrations Bratislava* (BIB), em 2009. Também recebeu o selo de Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil com o livro *Sete Histórias para Contar* (2008), de Adriana Falcão, Editora Salamandra, e com o *Pra saber voar*, de sua autoria, Editora Abacatte. Esteve por três edições entre os finalistas do Prêmio Açorianos de Literatura, indicada na categoria de *Melhor Livro Infantil*.

<sup>iii</sup> O Programa *Leia para uma criança* começou em 2010 e, inicialmente, distribuía livros impressos gratuitamente a partir do cadastro de pessoas físicas no *site*, que recebiam os livros diretamente em casa. A partir de 2022, mudou o nome para *Leia com uma criança* e a distribuição dos livros passou a ser apenas para instituições cadastradas. O Programa também oferece, com acesso gratuito, livros digitais, para leitura pelo celular, e uma biblioteca digital de títulos audiovisuais acessíveis.

<sup>iv</sup> <https://itunes.apple.com/br/app/e-o-dente-ainda-doia/id797055164?mt=8>

<sup>v</sup> Texto acumulativo, também conhecido por lengalenga, é um tipo originado na tradição oral e muito explorado na literatura infantil. Nele, usa-se o recurso da repetição e acréscimo de uma ação, objeto ou personagem a cada sequência da história.